

Salman Rushdie

∞

DOIS ANOS, OITO MESES
E VINTE E OITO NOITES

Um romance

Tradução de
Ana Saldanha



D. QUIXOTE



OS FILHOS
DE IBN RUSHD



Muito pouco se sabe, embora muito tenha já sido escrito, sobre a verdadeira natureza dos *jinn*, os seres feitos de fogo sem fumo. Se são bons ou maus, diabólicos ou benignos, são questões acesadamente debatidas. Estas qualidades são genericamente aceites: que são voluntariosos, caprichosos, impudicos, que conseguem deslocar-se a grande velocidade, que alteram o seu tamanho e a sua forma e concedem muitos dos desejos de homens e mulheres mortais se assim o quiserem ou por coação se forem obrigados a fazê-lo; e que o seu sentido do tempo difere radicalmente do sentido do tempo dos seres humanos. Não devem confundir-se com anjos, embora algumas das velhas lendas erroneamente declarem que o próprio Diabo, o anjo caído Lúcifer, filho da manhã, foi o maior dos *jinn*. Durante muito tempo, em que locais viveriam foi também objeto de debate. Algumas histórias antigas afirmavam, o que era uma difamação, que os *jinn* viviam entre nós aqui na terra, no chamado «mundo de baixo», em edifícios em ruínas e em muitas zonas insalubres – lixeiras, cemitérios, latrinas, esgotos e, onde possível, em estrumeiras. Segundo essas lendas difamatórias, faríamos bem em nos lavarmos a preceito depois de qualquer contacto com um *jinni*. Eles são malcheirosos e portadores de doenças. No entanto, os comentadores mais eminentes há muito que afirmam o que sabemos agora ser verdade: que os *jinn* vivem no seu próprio mundo, separado do nosso por um véu, e que esse mundo de cima, por vezes

chamado Peristão ou Terra das Fadas, é muito extenso, embora a sua natureza nos esteja ocultada.

Dizer que os *jinn* são inumanos talvez seja afirmar o óbvio, mas os seres humanos partilham algumas qualidades, pelo menos com os seus pares de fantasia. Na questão da fé, por exemplo, há entre os *jinn* aderentes de todos os sistemas de crenças à face da terra, e há *jinn* que não são crentes e para quem a noção de deuses e de anjos é estranha da mesma maneira que os próprios *jinn* são estranhos para os seres humanos. E embora muitos *jinn* sejam amorais, pelo menos alguns desses seres poderosos conhecem a diferença entre o bem e o mal, entre a via da mão direita e a da mão esquerda.

Alguns *jinn* conseguem voar, mas outros rastejam no chão com a forma de serpentes ou correm a ladrar e a arreganhar os dentes sob a forma de cães gigantes. No mar, e por vezes também no ar, assumem a aparência externa de dragões. Alguns dos *jinn* menores são incapazes, quando na terra, de manter a sua forma por longos períodos de tempo. Essas criaturas amorfas enfiam-se por vezes em seres humanos através dos ouvidos, do nariz ou dos olhos e ocupam esses corpos durante algum tempo, descartando-os quando se cansam deles. Os seres humanos ocupados, lamentavelmente, não sobrevivem.

Os *jinn* do sexo feminino, as *jinnias* ou *jiniri*, são ainda mais misteriosos, ainda mais subtis e difíceis de apreender, sendo como são mulheres-sombra feitas de fumo sem fogo. Há *jiniri* selvagens e *jiniri* de amor, mas talvez se dê o caso de esses dois tipos diferentes de *jinnia* serem de facto um e o mesmo – que um espírito selvagem possa ser amansado pelo amor ou um ser amável despertado pelo mau tratamento e levado a uma selvajaria para além da compreensão de homens mortais.

Esta é a história de uma *jinnia*, uma grande princesa dos *jinn*, conhecida como Princesa dos Relâmpagos devido à sua mestria dos raios, que amou um homem mortal há muito tempo, no século XII, como nós diríamos, e dos seus muitos descendentes, e do seu regresso ao mundo, depois de uma longa ausência, para se apaixonar de novo, pelo menos por um momento; e depois partir para a guerra;

juntamente com muitos outros *jinn*, masculinos e femininos, voadores e rastejantes, bons, maus e desinteressados da moralidade; e do tempo de crise, do tempo desconjuntado a que chamamos o tempo das estranhezas, que durou dois anos, oito meses e vinte e oito noites, ou seja, mil noites e uma noite mais. E sim, já vivemos mais mil anos desde essa época, mas estamos todos mudados para sempre por esse tempo. Se para melhor ou para pior cabe ao nosso futuro decidir.

No ano de 1195, o grande filósofo Ibn Rushd, em tempos o cádi ou juiz de Sevilha e mais recentemente físico pessoal do califa Abu Yusuf Yaqub na sua cidade de Córdoba, foi formalmente desacreditado e caiu em desgraça devido às suas ideias liberais, que eram inaceitáveis para os fanáticos berberes cada vez mais fanáticos que alastravam como uma pestilência pela Espanha árabe, e foi condenado ao exílio interno na pequena vila de Lucena nos arredores da sua cidade natal, uma vila cheia de judeus que já não podiam dizer que eram judeus, porque a dinastia reinante anterior de al-Andalus, os Almorávidas, os tinha forçado a converterem-se ao Islão. Ibn Rushd, um filósofo a quem já não era permitido expor a sua filosofia, cujos escritos tinham todos sido banidos e cujos livros tinham sido queimados, sentiu-se imediatamente à vontade entre os judeus que não podiam dizer que eram judeus. Fora o favorito do califa da dinastia reinante corrente, os Almóadas, mas os favoritos deixam de o ser, e Abu Yusuf Yaqub permitiu aos fanáticos que expulsassem da cidade o grande comentador de Aristóteles.

O filósofo que não podia falar da sua filosofia vivia numa rua estreita de terra batida numa humilde casa com janelas pequenas e sentia-se terrivelmente oprimido pela ausência de luz. Montou um consultório médico em Lucena e o seu estatuto de ex-físico do califa trouxe-lhe pacientes; além disso, usou os recursos que possuía para entrar modestamente no negócio de cavalos e financiou também o fabrico das grandes bilhas de barro, as *tinajas*, nas quais os judeus que já não eram judeus guardavam e vendiam azeite e vinho. Um dia, pouco depois do início do seu exílio, uma moça das suas dezasseis

primaveras apareceu à porta de Ibn Rushd, a sorrir docemente, sem bater nem se intrometer nos seus pensamentos de qualquer outra maneira, e simplesmente ficou ali a aguardar pacientemente até ele se aperceber da sua presença e a convidar a entrar. Ela disse-lhe que era órfã recente; que não tinha fonte de rendimento, mas preferia não trabalhar na casa das putas; e que o seu nome era Dunia, que não soava a nome judeu, porque ela não tinha autorização para dizer o seu nome judeu, e, como era analfabeta, não sabia escrevê-lo. Ela disse-lhe que um viajante lhe tinha dado o nome e lhe dissera que derivava do grego e significava «o mundo». Ibn Rushd, o tradutor de Aristóteles, não disputou as suas palavras, sabendo que significava «o mundo» num número suficiente de línguas para tornar desnecessário esse pedantismo. «Porque é que tomaste o nome do mundo?», perguntou-lhe ele, e ela respondeu, olhando-o nos olhos enquanto falava: «Porque um mundo fluirá de mim e os que fluírem de mim espalhar-se-ão pelo mundo.»

Sendo um homem de razão, ele não adivinhou que ela era uma criatura sobrenatural, uma *jinnia*, da tribo dos *jinn* femininos, as *jinari*: uma grandiosa princesa dessa tribo, numa aventura terrestre, perseguindo o seu fascínio crescente pelos homens humanos em geral e pelos homens brilhantes em particular. Ele acolheu-a em sua casa como governanta e amante e na noite abafada ela segredou-lhe ao ouvido o seu nome judeu «verdadeiro» – quer dizer, o falso – e esse passou a ser um segredo dos dois. Dunia, a *jinnia*, foi tão espetacularmente fértil como a sua profecia dera a entender. Nos dois anos, oito meses e vinte e oito dias e noites que se seguiram, esteve grávida três vezes e em cada uma dessas ocasiões deu à luz uma multiplicidade de crianças, pelo menos sete em cada ocasião, ao que parece, e numa ocasião onze, ou possivelmente dezanove, embora os registos existentes sejam vagos e inexatos. Todos os filhos herdaram a sua característica mais distintiva: não tinham lóbulos das orelhas.

Se Ibn Rushd fosse adepto da arcana oculta teria compreendido então que os seus filhos eram rebentos de uma mãe não humana, mas estava demasiado ensimesmado para o descobrir. O filósofo que não podia filosofar receava que os filhos herdassem dele os tristes

dons que eram o seu tesouro e a sua maldição. «Ter pele fina, vistas largas e língua solta», dizia ele, «é sentir demasiado agudamente, ver demasiado claramente, falar demasiado livremente. É ser vulnerável ao mundo quando o mundo se crê invulnerável, compreender a sua mutabilidade quando ele se julga imutável, pressentir o que aí vem antes dos outros, saber que o bárbaro futuro está a derrubar os portões do presente enquanto outros se agarram ao passado decadente e oco. Se os nossos filhos forem afortunados, só herdarão as tuas orelhas, mas, por lástima, como eles são inegavelmente meus, é provável que pensem demasiado, demasiado cedo, e ouçam demasiado, demasiado cedo, incluindo coisas que não é permitido pensar ou ouvir.»

«Conta-me uma história», pedia Dunia muitas vezes na cama nos primeiros tempos da sua coabitação. Ele rapidamente descobriu que, apesar da sua aparente juventude, ela podia ser uma pessoa exigente e cheia de opiniões, na cama e fora dela. Ele era um homem grande e ela era como uma pequena ave ou um inseto, mas ele sentia muitas vezes que ela era a mais forte dos dois. Era a alegria da sua velhice, mas exigia-lhe um nível de energia que lhe era difícil manter. Na sua idade, por vezes o que ele queria fazer na cama era dormir, mas Dunia encarava as suas tentativas de bater uma pestana como atos hostis. «Se ficares acordado toda a noite a fazer amor», dizia ela, «vais sentir-te mais repousado do que se rressonares horas e horas como um boi. Isso é bem sabido.» Na sua idade nem sempre era fácil passar à condição requerida para o ato sexual, especialmente em noites consecutivas, mas ela via as suas dificuldades de idoso como provas da sua natureza desamorável. «Se achares uma mulher atraente, nunca há problema», disse-lhe ela. «Não importa quantas noites seguidas. Eu, eu estou sempre excitada, posso continuar para sempre, não tenho ponto de paragem.»

A sua descoberta de que o ardor físico dela podia ser apaziguado através de narrativas proporcionou-lhe algum alívio. «Conta-me uma história», dizia ela, enroscando-se debaixo do braço do amante de modo a que a mão dele ficasse pousada na sua cabeça, e ele pensava, bom, estou dispensado esta noite; e dava-lhe, a pouco e pouco,

a história da sua mente. Usava palavras que muitos dos seus contemporâneos achavam chocantes, incluindo «razão», «lógica» e «ciência», que eram os três pilares do seu pensamento, as ideias que tinham feito com que os seus livros fossem queimados. Dunia receava essas palavras, mas o receio excitava-a e ela aconchegava-se mais a ele e dizia: «Segura-me na cabeça quando ma estás a encher com mentiras.»

Havia uma ferida funda e triste nele, porque era um homem derrotado, perdera a maior batalha da sua vida para um persa morto, Ghazali de Tus, um adversário que estava morto há oitenta e cinco anos. Cem anos antes, Ghazali escrevera um livro chamado *A Incoerência dos Filósofos* no qual atacava gregos como Aristóteles, os neoplatónicos e os seus aliados, os grandes precursores de Ibn Rushd, Ibn Sina e al-Farabi. A certa altura, Ghazali tinha sofrido uma crise de fé, mas regressara para se tornar o maior flagelador da filosofia na história do mundo. A filosofia, troçava ele, era incapaz de provar a existência de Deus ou até de provar a impossibilidade de haver dois deuses. A filosofia acreditava na inevitabilidade de causas e efeitos, que era uma diminuição do poder de Deus, o qual podia intervir facilmente para alterar efeitos e tornar causas ineficazes se assim o quisesse.

«O que acontece», perguntou Ibn Rushd a Dunia quando a noite os envolveu em silêncio e puderam falar de coisas proibidas, «quando um pau em chamas é posto em contacto com uma bola de algodão?»

«O algodão incendeia-se, é claro», respondeu ela.

«E porque é que se incendeia?»

«Porque é assim mesmo», disse ela, «o fogo lambe o algodão e o algodão torna-se parte do fogo, é como são as coisas.»

«Pela lei da Natureza», disse ele, «as causas têm os seus efeitos», e a cabeça dela acenou sob a carícia da mão dele.

«Ele discordava», disse Ibn Rushd, e ela sabia que ele se referia ao inimigo, Ghazali, o que o tinha derrotado. «Disse que o algodão pegava fogo porque Deus o obrigava a fazê-lo, porque no universo de Deus a única lei é a vontade de Deus.»

«Então, se Deus quisesse que o algodão apagasse o fogo, se Ele quisesse que o fogo se tornasse parte do algodão, poderia fazer isso?»

«Sim», disse Ibn Rushd, «de acordo com o livro de Ghazali, Deus poderia fazer isso.»

Ela pensou por um momento. «É uma estupidez», disse por fim. Até mesmo no escuro ela pressentia o sorriso resignado, o sorriso com cinismo e com dor, a alastrar de esguelha no seu rosto barbudo. «Ele diria que era a verdadeira fé», respondeu-lhe ele, «e que discordar disso seria... incoerente.»

«Então, qualquer coisa pode acontecer se Deus decidir que assim seja», disse ela. «Os pés de um homem poderiam deixar de tocar no chão, por exemplo, ele poderia começar a andar no ar.»

«Um milagre», disse Ibn Rushd, «é só Deus a mudar as regras de acordo com as quais ele decide jogar, e se nós não o compreendemos é porque Deus é, em última instância, inefável, o que quer dizer que está para lá da nossa compreensão.»

Ela ficou de novo em silêncio. «Supõe que eu suponho», disse ela ao fim de algum tempo, «que Deus pode não existir. Supõe que me fazes supor que a “razão”, a “lógica” e a “ciência” possuem uma magia que torna Deus desnecessário. Pode-se sequer supor que seria possível supor uma tal coisa?» Ela sentiu que o corpo dele se inteiriçava. Agora era *ele* quem receava as palavras *dela*, pensou, e isso agradou-lhe de uma forma estranha. «Não», disse ele, demasiado asperamente. «Isso seria realmente uma suposição estúpida.»

Ele tinha escrito o seu livro, *A Incoerência da Incoerência*, em resposta a Ghazali a uma distância de cem anos e de mil milhas, mas, apesar do seu título apelativo, a influência do persa morto manteve-se e, finalmente, foi Ibn Rushd quem caiu em desgraça e cujo livro foi queimado por um fogo que consumiu as páginas porque foi isso que Deus decidiu naquele momento que o fogo tivesse autorização para fazer. Em todos os seus escritos, Ibn Rushd tinha tentado reconciliar as palavras «razão», «lógica» e «ciência» com as palavras «Deus», «fé» e «Corão», mas não o conseguira, embora usasse com grande subtileza o argumento da bondade, demonstrando através de citações corânicas que Deus deve existir por causa do jardim de deleites terrenos que providenciou à humanidade, *e não mandamos das nuvens que caia chuva, água a jorrar em abundância, para que possais assim produzir trigo e*

ervas e jardins plantados com árvores frondosas? Ele era um entusiasta jardineiro amador e o argumento da bondade parecia-lhe provar tanto a existência de Deus como a sua natureza essencialmente bondosa e liberal, mas os proponentes de um Deus mais agreste tinham-no derrotado. Agora deitava-se, ou assim o cria, com uma judia conversa a quem salvara da casa das putas e que parecia capaz de penetrar nos seus sonhos, onde ele argumentava com Ghazali na linguagem dos irreconciliáveis, na linguagem do empenhamento, do ir até ao fim, que o condenaria à força se a usasse na sua vida acordado.

Com Dunia a encher-se de filhos e depois a despejá-los na pequena casa, passou a haver menos espaço para as «mentiras» excomungadas de Ibn Rushd. Os momentos de intimidade entre os dois diminuíram e o dinheiro começou a tornar-se um problema. «Um verdadeiro homem defronta as consequências dos seus atos», dizia-lhe ela, «especialmente um homem que acredita em causas e efeitos.» Mas fazer dinheiro nunca tinha sido o forte dele. O negócio dos cavalos era traiçoeiro e cheio de gatunos, e os seus lucros eram reduzidos. Como tinha muitos concorrentes no mercado das *tinajas*, os preços eram baixos. «Cobra mais aos teus pacientes», aconselhava ela com alguma irritação. «Devias explorar o teu prestígio anterior, embora esteja manchado. Que mais tens? Não basta ser um monstro de fazer bebés. Tu fazes bebés, os bebés vêm, os bebés têm de ser alimentados. Isso é “lógico”. Isso é “racional”.» Ela sabia que palavras podia voltar contra ele. «Não fazer isto», berrava, triunfal, «é “incoerência”.»

(Os *jinn* gostam de coisas brilhantes, de ouro e joias e afins, e muitas vezes escondem os seus tesouros em caves subterrâneas. Porque é que a princesa *jinnia* não gritou *abre-te* à porta de uma cave de tesouros e resolveu assim de uma penada os seus problemas financeiros? Porque ela tinha escolhido uma vida humana, uma parceria humana como a esposa «humana» de um ser humano, e estava condicionada pela sua escolha. Ter revelado a sua verdadeira natureza ao amante nesta fase avançada teria sido revelar uma espécie de traição, ou mentira, no âmago da sua relação. Por isso, manteve o silêncio, receando que ele pudesse abandoná-la. Mas ele acabou por a abandonar, de qualquer maneira; por razões humanas próprias.)

Havia um livro persa chamado *Hazar Afsaneh*, ou *Mil Histórias*, que tinha sido traduzido em árabe. Na versão árabe, continha menos de mil histórias, mas a ação estendia-se por mil noites, ou, como os números redondos são feios, mil noites e uma noite mais. Ele não vira esse livro, mas tinham-lhe sido contadas várias das suas histórias na corte. A história do pescador e do *jinni* atraía-o, não tanto pelos seus elementos fantásticos (o génio da lâmpada, os peixes mágicos falantes, o príncipe enfeitiçado que era meio homem e meio mármore), mas pela sua beleza técnica, pela maneira como as histórias estavam envoltas noutras histórias e continham, encaixadas dentro de si, ainda mais histórias, de modo que a história se tornava um verdadeiro espelho da vida, pensava Ibn Rushd, na qual todas as nossas histórias contêm as histórias de outros e estão elas próprias contidas em narrativas maiores, mais grandiosas, as histórias das nossas famílias, das nossas pátrias ou das nossas crenças. Mais bela ainda do que as histórias dentro das histórias era a história da contadora de histórias, uma princesa chamada Xarazade ou Xerazade, que contava os seus contos a um marido assassino para evitar ser executada. Histórias contadas contra a morte, para civilizar um bárbaro. E aos pés do leito conjugal sentava-se a irmã de Xerazade, a sua ouvinte perfeita, pedindo mais uma história, e depois mais uma, e ainda outra. Ao nome dessa irmã Ibn Rushd foi buscar o nome que deu às hostes de bebês que saíam das entranhas da sua amante Dunia, porque a irmã, por acaso, chamava-se Dunyazad, «e o que nós temos aqui a encher esta casa sem luz e a forçar-me a cobrar honorários exorbitantes aos meus pacientes, os doentes e enfermos de Lucena, é a chegada de *Dunia-zát*, ou seja, da tribo de Dunia, da raça de Dunianos, o povo Dunia, que, traduzido, é “o povo do mundo”».

Dunia sentiu-se profundamente ofendida. «Queres dizer», disse ela, «que, como não somos casados, os nossos filhos não podem ter o nome do pai.» Ele sorriu o seu sorriso triste e torto. «É melhor que eles sejam os *Duniazát*», disse, «um nome que contém o mundo e não foi julgado por ele. Serem os *Rushdi* mandá-los-ia para a história com uma marca na testa.» Ela começou a falar de si própria como a irmã de Xerazade, sempre pedindo histórias, mas a diferença era que

a sua Xerazade era um homem, o seu amante e não o seu irmão, e algumas das histórias poderiam fazer com que os matassem a ambos se as palavras escapassem acidentalmente da escuridão do quarto de dormir. Por isso, ele era uma espécie de anti-Xerazade, disse-lhe Dunia, exatamente o oposto da contadora de histórias das *Mil e Uma Noites*: as histórias dela salvavam-lhe a vida, enquanto as dele lha punham em perigo. Mas então o califa Abu Yusuf Yaqub triunfou na guerra, obtendo a sua maior vitória militar contra o rei cristão de Castela, Afonso VIII, em Alarcos, no rio Guadiana. Depois da Batalha de Alarcos, na qual as suas forças mataram 150 000 soldados castelhanos, uma boa metade do exército cristão, o califa deu a si próprio o nome de Al-Mansur, o Vitorioso, e com a confiança do herói conquistador pôs fim ao domínio dos fanáticos berberes e chamou Ibn Rushd à corte.

A marca de vergonha foi retirada da testa do velho filósofo, o seu exílio terminou, ele foi reabilitado e anulada a sua desgraça e regressou com honra ao seu antigo posto de físico da corte em Córdoba, dois anos, oito meses e vinte e oito dias e noites depois de ter começado o seu exílio, o que queria dizer mil noites e dias e mais um dia e uma noite: e Dunia estava de novo grávida, claro, e ele não casou com ela, claro, nunca deu aos filhos dela o seu nome, claro, e não a levou com ele para a corte almóada, claro, por isso ela saiu da história, ele levou a história consigo juntamente com as suas vestimentas, as suas retortas borbulhantes e os seus manuscritos, alguns encadernados, outros em rolos, manuscritos dos livros de outros homens, porque os seus tinham sido queimados, embora sobrevivessem muitos exemplares, dissera-lhe ele, noutras cidades, nas bibliotecas de amigos e em lugares onde ele os tinha escondido prevendo os tempos do seu desfavor, porque um homem sábio prepara-se sempre para a adversidade, mas, se é devidamente modesto, a boa sorte apanha-o de surpresa. Ele partiu sem acabar o desjejum nem se despedir, e ela não o ameaçou, não revelou a sua verdadeira natureza nem o poder que tinha escondido dentro de si, não disse, Eu sei o que tu dizes em voz alta em sonhos, quando supões a coisa que seria estúpido supor, quando paras de tentar reconciliar o irreconciliável e dizes

a terrível, fatal verdade. Ela permitiu que a história a deixasse sem tentar detê-la, como as crianças permitem que um grande desfile passe, detendo-o na memória, tornando-o uma coisa inesquecível, tornando-o seu; tu eras o meu tudo, queria ela dizer, tu eras o meu sol e a minha lua, e quem me segurará agora a cabeça, quem me beijará os lábios, quem será pai dos nossos filhos, mas ele era um grande homem destinado às câmaras dos imortais, e aqueles fedelhos irrequietos não eram mais do que a escuma deixada à sua passagem.

Um dia, murmurou ela ao filósofo ausente, um dia muito depois de tu teres morrido, chegará o momento em que queres reclamar a tua família, e nesse momento eu, a tua mulher espírito, conceder-te-ei o teu desejo, embora me tenhas despedaçado o coração.

Acredita-se que ela se manteve entre os seres humanos durante mais algum tempo, talvez na esperança impossível do regresso dele, e que ele continuou a enviar-lhe dinheiro, que talvez a visitasse de tempos em tempos, e que ela desistiu do negócio dos cavalos mas manteve o das *tinajas*, mas agora que o sol e a lua da história se tinham posto para sempre na sua casa, a sua história passou a ser de sombras e mistérios e por isso talvez seja verdade, como dizem as pessoas, que depois de Ibn Rushd morrer o seu espírito voltou para ela e ela concebeu ainda mais filhos. As pessoas diziam também que Ibn Rushd lhe trouxera uma lamparina com um *jinni* dentro e que o *jinni* era o pai das crianças nascidas depois de ele a deixar – assim vemos quão facilmente os boatos põem as coisas de pernas para o ar! E dizia-se também, menos caridosamente, que a mulher abandonada metia em casa qualquer homem que lhe pagasse a renda e que todos os homens que ela meteu em casa a deixaram com mais uma ninhada, de modo que os Duniazát, a prole de Dunia, já não eram Rushdis bastardos, ou alguns não eram, ou muitos não eram, ou a maioria; porque, aos olhos da maior parte das pessoas, a história da vida de Dunia tornara-se uma linha entrecortada, com as suas letras a dissolverem-se em formas sem sentido, incapazes de revelarem quanto tempo ela viveu ou como, onde ou com quem ou quando e como – ou se – morreu.

Ninguém reparou nem quis saber quando um dia ela se virou de lado, se esgueirou por uma fenda no mundo e regressou ao Peristão,

a outra realidade, o mundo dos sonhos de onde os *jinn* saem periodicamente para perturbar e abençoar a humanidade. Para os habitantes de Lucena, ela parecia ter-se dissolvido, talvez em fumo sem fogo. Depois de Dunia deixar o nosso mundo, os viajantes do mundo dos *jinn* para o nosso tornaram-se menos numerosos e a seguir, durante muito tempo, deixaram completamente de vir e as fendas no mundo ficaram cobertas pelas ervas daninhas prosaicas da convenção e pelos arbustos espinhosos do material, até finalmente se fecharem completamente e os nossos antepassados passarem a ter de fazer o que podiam sem os benefícios de maldições ou da magia.

Mas os filhos de Dunia prosperaram. Tanto como isso pode dizer-se. E quase trezentos anos depois, quando os judeus foram expulsos de Espanha, até mesmo os judeus que não podiam dizer que eram judeus, os filhos dos filhos de Dunia embarcaram em navios em Cádiz e em Palos de Moguer ou atravessaram a pé os Pireneus ou voaram em tapetes mágicos ou em urnas gigantes como a prole de *jinni* que eram, atravessaram continentes e cruzaram os sete mares e escalaram altas montanhas e atravessaram a nado rios poderosos e escorregaram para vales profundos e encontraram abrigo e segurança onde podiam e esqueceram-se uns dos outros rapidamente ou recordaram-no enquanto puderam e depois esqueceram, ou nunca esqueceram, tornando-se uma família que já não era exatamente uma família, uma tribo que já não era exatamente uma tribo; adotaram todas as religiões e nenhuma religião, muitos deles, séculos depois da conversão, ignorando as suas origens sobrenaturais, esquecendo a história da conversão forçada dos judeus, alguns tornando-se fanaticamente devotos enquanto outros eram desdenhosamente descrentes; uma família sem um lugar, mas com família em todos os lugares, uma vila sem localização, mas presente em todos os locais do globo, como plantas sem raiz, musgos ou líquenes ou orquídeas trepadeiras, que têm de se apoiar umas nas outras, incapazes de se manterem de pé sozinhas.

A História é madrasta daqueles que abandona e pode ser igualmente cruel para com os que a fazem. Ibn Rushd morreu quando viajava em Marraquexe, menos de um ano depois da sua reabilitação,

e nunca chegou a ver crescer a sua fama, nunca a viu alastrar para além das fronteiras do seu próprio mundo para o mundo infiel, onde os seus comentários sobre Aristóteles se tornaram os alicerces da potente popularidade do seu antepassado, os pilares da filosofia atea dos infiéis, chamada *saecularis*, o que significa o tipo de ideia que só ocorre uma vez num *saeculum*, uma idade do mundo, ou talvez uma ideia para essa idade, e que era a própria imagem e eco das ideias de que ele só tinha falado em sonhos. Talvez, como homem crente em Deus, ele não se sentisse encantado com o lugar que a História lhe deu, pois que é um destino estranho para um crente tornar-se a inspiração de ideias que não têm necessidade de crença, e um destino ainda mais estranho que a filosofia de um mundo seja vitoriosa para além das fronteiras do seu próprio mundo, mas derrotada dentro dessas fronteiras, porque no mundo que ele conhecia foram os filhos do seu adversário morto, Ghazali, que se multiplicaram e herdaram o reino, enquanto a sua prole bastarda se espalhou, deixando para trás o nome proibido do seu pai, e povoou a terra. Uma grande proporção dos sobreviventes acabou por ir dar ao grande continente norte-americano e muitos outros ao grande subcontinente sul-asiático graças ao fenómeno de «agregação» que se integra na ilógica misteriosa da distribuição aleatória; e muitos desses, mais tarde, espalhar-se-iam para oeste e para sul pelas Américas, e para norte e para oeste daquele grande diamante aos pés da Ásia, para todos os países do mundo, porque dos Duniazát pode dizer-se com justiça que, para além de orelhas peculiares, têm também pés irrequietos. E Ibn Rushd tinha morrido, mas, como se verá, ele e o seu adversário continuaram a sua disputa para lá da tumba, porque as discussões dos grandes pensadores não têm fim, sendo a ideia de discussão ela própria uma ferramenta para aperfeiçoar a mente, a ferramenta mais aguçada, nascida do amor do conhecimento, que é o mesmo que dizer, da filosofia.

